

Estratégias de Constança: o controle feminino em *Uma vida em segredo*, de Autran Dourado

Constança's strategies: female control in Uma vida em segredo, by Autran Dourado

Marcos Hidemi Lima¹
Marivane Simonetti²

Resumo: Este artigo busca mostrar em *Uma vida em segredo* (2005) – novela de Autran Dourado – como Constança, subjugada a valores patriarcais, emprega estratégias de controle que influenciam as decisões de prima Biela e Conrado, o marido. Com este procedimento, Constança exercita algumas formas de autoridade feminina. Para esta análise, são empregados as reflexões sobre influência, sociedade de classes e dominação masculina estudadas por Maria Lúcia Rocha-Coutinho (1994), Mary Del Priore (2000) e Pierre Bourdieu (2012). Em suma, o artigo pretende oferecer algumas contribuições sobre as estratégias usadas por Constança para controlar, manipulativa e indiretamente os dois entes familiares, uma vez que a lógica patriarcal lhe tolhe o efetivo exercício do poder.

Palavras-chave: Autran Dourado. *Uma vida em segredo*. Estratégias de controle. Ordem patriarcal.

Abstract: This article seeks to show through the novel *Uma vida em segredo* (Autran Dourado, 2005) how Constança, subjugated to patriarchal values, uses control strategies that influence the decisions of cousin Biela and Conrado (Constança's husband). This procedure allows Constança some ways of female authority. For this work, we use the reflections on the theme of influence, class society, and male domination by Maria Lúcia Rocha-Coutinho (1994), Mary Del Priore (2000), and Pierre Bourdieu (2012). In summary, the article intends to offer some contributions on the strategies used by Constança to control, manipulatively and indirectly, the two family members because the patriarchal logic hinders her effective exercise of power.

Keywords: Autran Dourado. *Uma vida em segredo*. Control strategies. Patriarchal order.

¹ Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

² Secretaria de Educação do Estado do Paraná (SEED).

Considerações iniciais

Este trabalho busca aplicar algumas considerações presentes no livro de Maria Lúcia Rocha-Coutinho intitulado *Tecendo por trás dos panos* (1994), em especial aquelas que dizem respeito às estratégias femininas de controle. Tais artifícios sobre os quais trata a autora são utilizados para a análise de Constança, uma das personagens da novela de Autran Dourado *Uma vida em segredo* (2005), publicada em 1964. As estratégias de controle, segundo Rocha-Coutinho, são empregadas por mulheres que, ao se depararem com uma sociedade centrada no patriarcalismo e no domínio masculino, se veem sem autoridade para realizar qualquer ação independente e às claras. Por isso, restam-lhes artimanhas para conseguir algum tipo de poder.

Controle, influência e poder são parte das ideologias mais importantes que permeiam uma sociedade de acordo com Rocha-Coutinho. Segundo a pesquisadora, a sociedade cria expectativas em relação ao poder, à influência e ao controle exercido conforme os diferentes papéis criados para sexos diferentes. A respeito de como se efetuam formas de controle das pessoas por outras, a autora observa que:

Uma vez que essas expectativas sociais regulam o modo como as pessoas se comportam, assim como a forma como o comportamento dos outros é avaliado, elas afetam tanto as maneiras como as pessoas usam essas estratégias para controlar os demais, quanto a maneira como as pessoas reagem às estratégias utilizadas por estes (Rocha-Coutinho, 1994, p. 127).

A concepção socialmente construída de feminino associa a mulher ao belo, dócil, frágil e sensível. Logo quaisquer atitudes que contrariem estes estereótipos associados à mulher – como a competitividade, a agressividade etc., consideradas “naturais” no homem – causam interdições e embaraços. Isso porque o que foge às expectativas esperadas acaba sendo julgado inadequado e “[...] estaria sujeito a reações bastante negativas” (Rocha-Coutinho, 1994, p. 127). Nesse sentido, uma mulher é proporcionalmente muito mais criticada, julgada e condenada do que um homem quando se envolve em uma briga, vai presa ou abandona os filhos, por exemplo. Por seu turno, um homem é mais criticado quando apresenta comportamento de submissão, de passividade. Dito de uma forma bem simples: separam-se atitudes masculinas e femininas. Surgem, então, alguns estereótipos: homens representam lideranças, às mulheres cabe a obediência. Nesse aspecto, mulheres não possuem qualquer tipo de poder legitimado, e o que lhes resta é exercer estratégias de controle para obterem um poder não legitimado.

Baseando nestas ideias de Rocha-Coutinho e noutras de Pierre Bourdieu (2012) e de Mary Del Priore (2000), este artigo busca analisar as estratégias de controle feminino presentes na novela *Uma vida em segredo* do escritor mineiro Autran Dourado. Nessa obra, há duas personagens femininas fundamentais: Biela, moça do campo que precisa mudar-se para a casa de seus primos na cidade, e Constança, esposa de Conrado, o primo de Biela. Esta análise recai em Constança, que demonstra empregar, desde as primeiras páginas da narrativa, sua forma de controle por meio da influência. Vale salientar que estamos entendendo por estratégias de controle “[...] as formas de um agente social levar uma pessoa a pensar, sentir ou agir de um modo que nem sempre partiria espontaneamente dela” (Rocha-Coutinho, 1994, p. 127).

A influência que as mulheres exercem sobre os homens é a forma de persuasão mais importante que só é utilizada porque elas normalmente não estão em posição de autoridade, mas sim quase sempre assujeitadas ao pai, irmão ou marido. Resta, então, às mulheres influenciar umas destas figuras masculinas. Salientamos que uma pessoa influencia outra quando é capaz de induzir alguém a tomar uma decisão, atitude ou comportamento sem imposição e sem ameaçar a posição de autoridade que a outra possui. Podemos observar que as mulheres, mesmo em situação de subordinação em relação ao homem, sempre se organizaram de forma a exercer dentro de seu domínio o poder que lhe correspondia, influenciando e articulando resistências como forma de resistir à opressão masculina. Como salienta Rocha-Coutinho, “Nem vítimas, nem algozes, acreditamos que as mulheres ao longo dos anos foram tecendo modos de resistência a esta opressão masculina, formas de exercer um certo controle sobre suas vidas a despeito de uma situação social tão adversa” (1994, p. 19).

Esse tipo de controle, segundo Rocha-Coutinho (1994), acontece por meio de afirmativas ou exemplos. Vejamos uma situação: quando uma mãe quer controlar o comportamento de seu filho que sobe em lugar perigoso, ela o adverte: “Desce daí já!”, ou se vale de ameaças: “Se subir aí vai ficar de castigo”. Por meio de entonação de reprovação ou de expectativa de punição, etc., ela, portanto, manipula o discurso utilizando estas estratégias, proporcionando que seu interlocutor entenda e aceite seu discurso de forma passiva ou indireta. Como bom número de mulheres, do ponto de vista social, está limitado a um acesso “[...] indireto ao poder e à autoridade, [visto que está] geralmente confinado ao espaço familiar” (Rocha-Coutinho, 1994, p. 129), existe certa tendência de uso de abordagens indiretas enquanto os homens utilizam abordagens mais diretas.

A legitimação do uso da autoridade está diretamente relacionada ao status do indivíduo que a usa. Por status referimo-nos à posição ocupada pelo indivíduo em uma ou mais dimensão

social. “Às pessoas que ocupam altas posições na hierarquia social geralmente é legitimado o uso da autoridade e, como consequência, elas têm maior facilidade para influenciar o outro” (1994, p. 131), observa Rocha-Coutinho. Quanto maior o status da pessoa, maior seu poder e consequentemente maior a chance de impunidade. Por isso, uma pessoa que ocupa uma posição que denote poder não se preocupa muito com as consequências de suas ações. Como em nossa sociedade as posições mais elevadas estão normalmente ocupadas por homens, frequentemente ocorre que se associe autoridade diretamente a eles. Ainda que haja mulheres que consigam ocupar uma mesma posição de prestígio que homens ocupam, elas não alcançarão o mesmo nível de autoridade que eles desfrutam. “Isto é, o fato da mulher ter poder em sua atuação profissional, por exemplo, não lhe confere maior poder no mundo público” (Rocha-Coutinho, 1994, p. 131). A autora ainda salienta que, se essa mulher for mãe, ela terá a tendência de ser associada socialmente mais como esposa ou mãe do que como profissional capaz de ser bem-sucedida.

Um fator que parece gerar status para as mulheres está diretamente relacionado à sua beleza e capacidade de sedução. A atenção ao corpo feminino foi e é alvo de muita especulação:

Há muitos anos parece se acreditar que através da atração física, as mulheres conseguem levar os homens à loucura, a fazer tudo o que elas desejam, a exercer assim, um total controle sobre eles. No entanto, mesmo que esse discurso seja verdadeiro, tal poder é temporário e tem limites muito bem definidos (Rocha-Coutinho, 1994, p. 132).

O poder de uma mulher jovem estaria diretamente ligado à sua aparência, isso porque quanto mais bela, mais homens ela atrairá e, portanto, mais “poder” de escolha terá. A denotação do que é ser mulher estaria, além disso, diretamente relacionada à maneira como ela organiza seu corpo: como se veste, como se locomove, como se senta etc. Segundo Pierre Bourdieu (2012, p. 38), “A moral feminina se impõe, sobretudo, através de uma disciplina incessante, relativa a todas as partes do corpo, e que se faz lembrar e se exerce continuamente através da coação quanto aos trajes ou aos penteados”.

Ainda de acordo com Bourdieu, a mulher entra em um confinamento simbólico conforme a forma como é levada a se vestir e a se comportar. É uma forma de dissimular o corpo feminino para que ele demonstre a submissão, ao passo que a postura masculina demonstra controle e poder. Destaca o autor que “[...] o fato de se balançarem na cadeira, ou de porem os pés sobre a mesa, que são por vezes vistas nos homens — do mais alto escalão —

como forma de demonstração de poder, ou, o que dá no mesmo, de afirmação são, para sermos exatos, impensáveis para uma mulher” (Bourdieu, 2012, p. 40).

É possível afirmar, portanto, que o sexo feminino já nasce limitado quanto ao uso do poder e da autoridade, e isso pode levar as mulheres a utilizarem estratégias diferentes das que os homens empregam para o exercício de controle sobre o outro nas relações cotidianas. Nas últimas décadas, houve um considerável avanço no processo de inclusão da mulher no mercado de trabalho, na política, na academia e na sociedade em geral, bem como houve uma considerável mudança (embora não muito profunda) no juízo que se fazia do sexo feminino como o “sexo frágil”. Ainda assim, o machismo, a misoginia, a violência contra a mulher, continuam presentes nas raízes, nas entrelinhas e, por vezes, ainda explicitamente na sociedade contemporânea. Por isso, faz-se muito necessário analisar essas estruturas criadas pelo patriarcalismo que predominaram por muito tempo e ainda sustentam estruturas ideológicas e sociais. A literatura, neste quesito, por ser muitas vezes descompromissada com a censura, das variadas formas de coerção, etc., tem condições de cumprir o papel questionador da ordem tirânica estabelecida e incluir a mulher como um sujeito ativo nas relações sociais.

As artimanhas de Constança

Uma vida em segredo apresenta um enredo sem uma época e espaço claramente definidos. Ou melhor, por conta de algumas inferências textuais, a narrativa permite que os leitores localizem os fatos no começo do século XX, em alguma cidade (provavelmente fictícia) do interior de Minas Gerais, estado onde os acontecimentos de muitos outros romances de Autran Dourado ocorrem. Esta obra narra a história de uma família tradicional, mas também se compromete em descrever a decadência de costumes e as renovações sociais e culturais decorrentes do fim da monarquia brasileira.

Sob a ótica acima exposta, passamos agora a analisar Constança, esposa de Conrado. A protagonista da narrativa é Biela, porém focamos nossa leitura em Constança, mesmo que esta seja uma coadjuvante. Apesar disso, sua presença é de essencial importância para a história que se desenvolve no ambiente de sua casa. Constança tem cinco filhos: Silvino e Alfeu, Mazília, Fernanda e Gilda. Alfeu e Mazília ganham mais destaques na narrativa. Alfeu por seu mau comportamento e por zombar de Biela. Mazília, pelo contrário, por ser madura e estabelecer uma relação de amizade com Biela. Essa particularidade relativa à Mazília pode demonstrar como Constança dava prioridade à educação das filhas, como sucede à Mazília, apresentada como a moça perfeita, gentil e amável, que borda e toca piano, assim como a mãe.

Conrado mostra-se ser um sujeito sisudo e pensativo “de pouca conversa” (Dourado, 2005, p. 21), muito inflexível. Suas decisões normalmente precisam beneficiá-lo. Quando ele não tem certeza de ser favorecido, põe-se a pensar muito. É por isso que as primeiras páginas do romance se dedicam às reflexões de Conrado sobre trazer ou não prima Biela para morar com a família. Nas primeiras passagens do romance, notamos como Constança influencia seu marido: “Quem deu ideia de trazer prima Biela para a cidade foi Constança. Deixa, Conrado, traz ela pra cá para casa, disse. [...] A princípio Conrado não deu muito ouvido, tinha outra coisa em mente. A ele, como homem, competia decidir” (Dourado, 2005, p. 21). Notamos que a ideia é de Constança, contudo não é ela quem tem poder de decisão sobre a vinda da jovem.

Conrado havia sido designado tutor de Biela. A moça, recentemente órfã, única herdeira, estava vivendo sozinha na Fazenda do Fundão, e tal situação era muito “perigosa” para uma jovem mulher. Conrado já tivera contato anterior com a prima e sabia que ela não era a moça que Constança sonhava. Seu desejo era mandar Biela a um convento. Não sabia ele, porém, se tal ideia iria dar certo, pois as freiras poderiam não a aceitar: “Constança, *senhora da brecha que o marido abria na sua decisão*, disse não fica bem, o que é que vão dizer de nós, de você que foi nomeado tutor e testamenteiro, mandar ela pra longe, quando tem tanto lugar aqui em casa?” (Dourado, 2005, p. 21-22, grifos nossos).

Entre os destaques que demos na citação acima, percebemos a definição de Constança como “senhora da brecha que o marido abria na sua decisão”. Neste trecho, o narrador evidencia uma situação de dúvida na tomada de uma resolução por Conrado. Obviamente, a mulher percebe que o marido titubeia quanto ao que fazer com Biela. Constança, então, sutilmente ocupa esta lacuna (“brecha”), este ponto vulnerável que se configura como dúvida em Conrado. Noutras palavras, Constança aproveita a hesitação do marido como oportunidade de convencê-lo sobre a vinda de Biela, presumindo que a moça interiorana poderia ser uma companhia interessante.

Ao se tornar “senhora da brecha” aberta pela indecisão de Conrado, fica patente que Constança vale-se das estratégias de controle que são permitidas às mulheres conforme postula Rocha-Coutinho. Constatamos que ela emprega, na sua fala cheia de subterfúgios que visa a não ameaçar o poder do marido, o chamado “controle indireto e manipulativo” que “pode ser definido como ocorrendo quando quem tenta controlar, muitas vezes de forma não consciente, age como se a pessoa que está sendo controlada não tivesse consciência do controle que sobre ela está sendo exercido” (Rocha-Coutinho, 1994, p. 143). Por isso, a fala de Constança destaca-se por ser feita indiretamente a fim de não parecer que queira demonstrar que pretende

manipular Conrado a decidir o que, na verdade, ela deseja. Constança influi na decisão do marido ao pôr na balança a importância que ele angariaria os olhos da sociedade ao optar por uma ação altruísta em relação à prima.

Percebemos, ademais, no trecho citado, que Constança não dá uma ordem direta. Apenas sugere uma ideia do que quer, e depois a reforça ao argumentar que é o melhor a ser feito pela imagem da família, ela jamais impõe seu pensamento e seu desejo. Suas ideias são como sementes que ela planta no pensamento do marido e cultiva com pequenas falas até que dê frutos. O resultado é que “Conrado não gostava da ideia mas acabou cedendo” (Dourado, 2005, p. 23), e é claro que o testamento da prima pesou na decisão de Conrado, afinal representava algo lucrativo, pois “o usufruto dos bens seria dele” (Dourado, 2005, p.23). Embora ele ainda tivesse medo dos modos da prima Biela, ainda que soubesse que ela não se acostumaria a viver na cidade, mesmo consciente de que sua família tinha costumes muito diferentes dos de Biela, o “querer” da esposa foi fundamental para levá-lo a se decidir.

A manipulação da decisão de Conrado pela mulher foi o gatilho para todo o restante da história. Constança assume, nessa forma de atuação, maior destaque na narrativa. Reconhecemos como ela se afirma nesses jogos de relações sociais. Constatamos que ela acaba exercendo influência e poder por meio de estratégias de controle nas quais a sutileza pode levar Conrado a presumir que não havia dado “parte de fraco”, ficando, assim, para ele, a impressão de que sua autoridade não havia sofrido nenhum arranhão conforme pode ser verificado no trecho a seguir:

Está bem, disse ele, que já tinha concordado com a ideia da mulher, mas não queria dar parte de fraco; vou pensar e depois que eu decidir, a gente se fala. Constança se alegrou, sabia que vencera. Não disse nada, escondeu a alegria, *conhecia Conrado*, respeitava-o, sabia como lidar com ele (Dourado, 2005, p. 24, grifos nossos).

Conhecer bem o marido significava saber que a última palavra teria de ser dele, que socialmente, para a família, ficaria a ideia de que ele decidiu sozinho. Essas formas de controle feminino estavam sustentadas por ações sutis e manipuladoras e ficam mais claras quando Constança – certa de que podia empregar com eficiência uma forma de convencimento que conseguia burlar até a autoridade de Conrado – aplica essas mesmas estratégias no intento de convencer Biela a aceitar o pretendente a casamento, como mostrado mais adiante.

Tal jogo astucioso de Constança nos leva a uma reflexão de Bourdieu (2012, p. 43): “Simbolicamente votadas à resignação e à discrição, as mulheres só podem exercer algum poder voltando contra o forte sua própria força, ou aceitando se apagar, ou, pelo menos, negar

um poder que elas só podem exercer por procuração”. Ou seja, ou Constança cumpriria um “papel de homem” negando sua feminilidade, ou então deixaria que o marido ficasse com a glória da decisão.

Driblada a autoridade do marido, Constança acolheu, amparou e instalou Biela em sua casa, mantendo a moça sob sua tutela. Sempre muito prestativa, Constança tratava de agradar a moça recém-chegada. Tais ações produziram resultado. Em breve, Biela, moça simples da roça, passou a avaliar Constança como uma espécie de princesa ou de santa.

O exercício de controlar as ações de Biela, porém, começa a falhar. Biela vai escapando dos meandros do “[...] controle fraco, pessoal, indireto e emocional” (Rocha-Coutinho, 1994, p. 150) efetuados por Constança. Nas primeiras idas de Biela à cozinha a fim de fugir às relações com a vizinhança, Constança ainda consegue resgatá-la dizendo “[...] não fica bem você ficar o tempo todo lá na cozinha com as criadas. O seu lugar é na sala com a gente. Por que você não fica comigo? Vamos lá para o quarto de costura, eu lhe ensino a bordar, você quer?” (Dourado, 2005, p. 38). Nessa passagem, vemos como Constança assume o papel de educar Biela, que não sabia como era o funcionamento daquela família. Mesmo assumindo esse controle sobre a jovem, observamos que as palavras de Constança não são ordens. Em vez de Constança dizer: “Não vá para a cozinha”, ela diz: “Não fica bem pra você”. No lugar de um imperativo: “Fique na sala”, a mulher comenta com Biela: “Seu lugar é aqui”.

A gentileza demonstrada por Constança fazia com que Biela quisesse chamá-la de dona, mas Constança não permitia e queria que a jovem a chamasse de prima. Não ser “dona”, que é uma forma de tratamento respeitosa, e ser prima, que implica uma relação de parentesco, evidencia, por parte de Constança, o emprego de estratégias sutis, indiretas de controle. Biela se esforçava para aprender tais distinções recomendadas pela esposa do primo embora fosse muito acanhada. Constança, por sua vez, relatava ao marido os avanços que tivera com a jovem, e os detalhes sobre o desenvolvimento da prima também funciona como uma forma manipulativa de controle, uma maneira de acalmar a mente do marido quanto à decisão que ele tinha tomado: “Em pouco ele veria como a prima se abria. Contava que ela queria melhorar, era atenciosa quando lhe ensinava alguma coisa. Exagerava para *convencer o marido* e se convencer” (Dourado, 2005, p. 40, grifos nossos). Em outras palavras, mesmo não estando de toda convencida, Constança precisava persuadir o marido de que a escolha de trazer prima Biela tinha sido acertada.

Outro ponto importante nestes jogos de poder, quando se volta ao feminino, diz respeito à beleza. Essa atenção dirigida para a influência que um corpo/rosto bonito leva Biela a uma

posição de inferioridade em relação à Constança. Aos olhos de Biela, a prima representa ser muito bonita. No caso de Biela, ao perceber que não se encaixa nos padrões de beleza esperados, ela endossa o “[...] mal-estar, a timidez ou a vergonha [que] são tanto mais fortes quanto maior a desproporção entre o corpo socialmente exigido e a relação prática com o próprio corpo imposta pelos olhares e as reações dos outros”, salientados por Bourdieu (2012, p. 81).

Percebemos que Biela não atende aos padrões de beleza exigidos socialmente. Embora quisesse muito ser como Constança, sabia que não o era, e isso se reflete em seu jeito medroso, tímido e de poucas palavras. Quando chega à casa de Conrado e é recepcionada pela família, existia a expectativa por uma moça bela, mas a figura de Biela decepciona: “É que a gente esperava uma coisa tão diferente!” (Dourado, 2005, p. 29). E na tentativa de Biela provar aos outros e a si mesma “alguma coisa” (Dourado, 2005, p. 41), (ela não sabia definir o que era), arrumou seu cabelo em coque no alto da cabeça “[...] igual a prima Constança” e decidiu ir assim à sala de jantar. Essa pequena atitude gerou muita mudança.

Como Constança notou que ela tentava se reformar, *virar gente* como disse Fernanda, veio ajudá-la. [...] Biela fez que não, não queria dar trabalho. Já se arrependia da ideia de um novo arranjo no penteado. Mas *Constança insistiu*, não era trabalho nenhum, tinha até muito gosto em ajudá-la. Quando prima Biela abriu as gavetas da cômoda e lhe mostrou o que trouxera, Constança disse mas, minha filha, você não pode continuar usando essas roupas. Lá na roça está bem que você usasse esses vestidinhos de chita, aqui não (Dourado, 2005, p. 42, grifos nossos).

As atitudes de Biela eram tidas pela família do primo como simplórias, de alguém ainda preso aos modos rústicos da roça. Na concepção da família de Constança, ela estaria “virando gente” na medida em que começasse a se vestir, se portar e se comunicar melhor. Quando uma ideia não atuava da forma como Constança queria, esta valia-se da insistência para empregar a persuasão. Tal tática fazia que Biela ficasse sem desculpas ou argumentos para rejeitar a oferta. A primeira estratégia de Constança para tentar mudar a prima Biela é fazer-lhe vestidos finos. Na ótica da mulher de Conrado, vestimentas elegantes seriam capazes de adequar Biela a ambientes mais sofisticados e realçariam a posição social que a família desfrutava na cidade. Porém prima Biela lhe intrigava: como uma mulher podia ser tão pouco feminina?

A presença de prima Biela a rebaixava, lhe ofendia a feminilidade. Afinal, de uma certa maneira era sua parenta, mesmo afim fazia parte da família. Se sentia diminuída. Sempre cuidara de si, vestia-se bem, caprichava no falar, aprendera muito no colégio de dona Mariquinha Meneses, em Ouro Preto (Dourado, 2005, p. 44).

Na concepção de Constança, a feminilidade estava diretamente relacionada à forma de se vestir: “[...] ela que era impecável, ela que servia de modelo para todas” (2005, p. 45). De acordo com Del Priore (2000), o jogo entre roupa e corpo foi uma constante em tempos antigos e perdura até hoje. O vestuário serve como condicionamento a posturas, comportamentos, gestos, e estes estão associados diretamente à classe à qual a pessoa pertence. Observa Del Priore: “Sabemos que uma mulher não caminha com saltos altos da mesma maneira que com chinelos. Da mesma forma, as funções e as formas vestimentares sempre avariaram de acordo com as circunstâncias, as classes, os papéis sociais” (2000, p. 31). Logo, a questão para Constança querer vestir melhor Biela era a tentativa de controlá-la para que deixasse de parecer uma moça pobre. Constança chega a afirmar: “Você vai ficar outra, vai ver” (Dourado, 2005, p. 43).

Ainda de acordo com Del Priore (2000, p. 32), essa separação de vestimenta por classe vinha dos tempos da aristocracia: “Para que seus membros não se confundissem com as camadas mais emergentes, as ‘leis suntuárias’ existiam para manter visíveis os níveis sociais de quem se vestia”. Leitura diversa sobre o vestuário tem Bourdieu (2012). Segundo o autor, as roupas serviam para chamar continuamente o corpo à ordem, e, no caso das mulheres, colocá-las em um “confinamento simbólico” (Bourdieu, 2012, p. 39). Considerando o nivelamento social de Del Priore e a metáfora do controle do corpo feminino feita por Bourdieu quando discorrem sobre o papel da vestimenta, podemos deduzir que Constança acreditava que talvez Biela mudasse seu modo de proceder caso fosse vestida em tecidos ricos, uma vez que “[...] com eles no corpo ela se habitua, toma jeito, vira outra” (Dourado, 2005, p. 48).

Contudo, com o passar do tempo, Constança percebeu o quão estranha era Biela, que ela não tinha “conserto”, pois mesmo vestida em ricos panos continuava transparecendo a pessoa simples: “Prima Biela não tomou jeito nem virou outra. Continuou a mesma, se não pior. Se antes era *uma figura pobre*, miúda no seu parecer, agora tinha o aspecto grotesco de um sagui vestido de veludo, todo cheio de guizos” (Dourado, 2005, p. 48, grifos nossos). Fracassa a tentativa de fazer que Biela parecesse pertencente às camadas mais abastadas, com fino porte e bela expressão. Tal fracasso se patenteia na ironia do narrador ao considerar Biela “uma figura pobre” – espécie de trocadilho irônico com a “figura nobre” que Constança desejava transformá-la, vestindo-a conforme as modas femininas da época –, resultando numa imagem caricata e desdenhosa de Biela.

Outro ponto que deve ser levado em consideração é que a família de Conrado, ainda que habitantes de uma cidadezinha, vinham de uma tradição agrícola. Conrado trabalha

administrando as fazendas dele e a de Biela, cuidando, entre outras coisas, do gado. No ambiente urbano onde a família vive, as regras burguesas não eram talvez tão rígidas, mas eram suficientes para que a população achasse estranho Biela não viver nos mesmos moldes de Constança. Esta não trabalhava fora, ocupava-se tão somente de cuidar dos filhos e administrar a casa, porém sem se ocupar com os afazeres domésticos. Para tais atividades, havia os empregados Joviana e Gomercindo.

Em seu tempo livre, Constança bordava, costurava, rezava e ia à igreja. No que concerne à moda, ela se vestia de forma clássica com vestidos encomendados ou trazidos da capital, feitos com finos tecidos, o cabelo estava sempre arrumado, recebia visitas com hospitalidade e fineza e depois retribuía as visitas. Nas visitas às amigas, elas conversavam, entretinham-se com mexericos e comentários sobre a vida dos demais enquanto se serviam de guloseimas previamente preparadas pela dona da casa para demonstrar seus dotes culinários. Era assim que uma dama da pequena elite dessa cidade se comportava.

O problema era Biela, que fugia à regra comportando-se como uma subalterna. Ela preferia estar no quarto em vez de permanecer na sala, não sabia tricotar nem bordar, preferia comer na cozinha a se sentar à mesa com a família, na igreja pouco entendia do que o padre falava e nas visitas tinha pouco assunto. Depois de concordar que Biela não mudaria seu modo de proceder, Constança passou a ser mais fria com a prima: “Havia um muro entre elas; tratava-a como se trata um filho bobo ou um irmão surdo” (Dourado, 2005, p. 60). Mesmo assim, Constança não a maltratava, tentava continuar a ser delicada na relação com Biela.

Conrado, assim como o pai de Biela, era um homem de temperamento difícil, por vezes brigava na rua, suas atitudes ríspidas causavam escândalos que muito envergonhavam Constança. Numa das brigas por conta de jogo, Conrado para de visitar os amigos e começa a ficar muito rabugento em casa. Constança vê-se obrigada a usar as estratégias manipulativas para modificar o humor do marido. Ao agir desta maneira, ela reforça o estereótipo de que “[...] mulheres devem agir como se não estivessem tentando controlar, quando na realidade elas o estão fazendo” (Rocha-Coutinho, 1994, p. 143). No entanto a situação estressante a obriga a novamente influenciar Conrado: “Por que você não traz uns amigos e faz um joguinho aqui em casa?” (Dourado, 2005, p. 66). Ela sabia que ter o marido e os amigos jogando em casa seria melhor do que ver Conrado na rua. A tutela do lar e da esposa impediria qualquer exaltação exacerbada e, assim, teria o marido sob controle.

Novamente, Conrado reluta, ele entende a estratégia da mulher, mas prefere jogar com as condições da esposa a ficar sem jogar, enfim cede. “Conrado queria *ceder*; não gostava de

ficar muito tempo parado sem fazer nada. Truco é muito barulhento disse. Mas é divertido, não é? Ao menos *as brigas* são de fingimento. Conrado não respondeu, entendia *censura velada* da mulher” (Dourado, 2005, p. 67, grifos nossos). Nesse trecho, assim como em outros, vemos que o narrador opta pela palavra *ceder* em lugar de *concordar*. O verbo *ceder* traz a ideia de transmissão ou renúncia de um direito ou nesse caso de um poder que ele decide dar à ideia da esposa. Isso explicita que mesmo sem concordar, ele cede à pressão da esposa, mas, é claro, somente porque a decisão o beneficia e sua autoridade se mantém.

Esse episódio dá abertura para um novo acontecimento na trama: Biela, por conhecer o jogo de truco, se divertia com interesse vendo os homens jogarem. Essa nova interação de Biela faz Constança dar a ela uma nova obrigação: “Ficaria encarregada de trazer o café com broinhas de fubá, quando os homens pedissem” (Dourado, 2005, p. 67). Nessa tarefa dada por Constança a Biela, há um pequeno ardid: Modesto, o filho de seu Zico, e Biela passam a reparar mais um no outro. A astúcia de Constança e o total controle do ambiente privado – considerado feminino – permitia que ela acompanhasse o flerte do casal. “Constança fingia que bordava mas não perdeu um só dos gestos de prima Biela” (Dourado, 2005, p. 69). Ela percebia isso na forma de o rapaz rir procurando o olhar de Biela. Observava, atenta, como Biela, tímida, abaixava a cabeça, se envergonhava, mas não se afastava.

Exercitando seu poder no ambiente doméstico, Constança logo se anima com a possibilidade de promover um casamento para prima Biela:

Constança voltou a dar mais atenção a prima Biela, a tratá-la com um desvelo que deixou a outra resabiada. Chamava-a para o quarto de costuras, ficava horas conversando sobre como eram os homens, os casos de namoro e casamento, como foi que conheceu Conrado e se casou. [...] Numa dessas conversas Constança lhe perguntou de chofre prima Biela, você está na idade não pensa em se casar? Não tem nenhum rapaz em vista, Biela gelou (Dourado, 2005, p. 73).

Constança espreita Biela como uma forma de deixá-la confortável com o assunto. As longas conversas entre ambas permitiram que ela perguntasse a Biela sobre casamento de uma forma que parecesse natural, sem pretensões. Mas Biela não pensava em matrimônio. Embora estivesse fascinada com a figura de Modesto, a moça sentia medo. Além disso, a leitura romantizada que Constança faz do casamento não corresponde exatamente ao que Biela sentia por Modesto: “Não sabia como era, mas não era assim” (Dourado, 2005, p. 74). Devido à negativa de Biela, Constança passa a ser mais insistente: “Não vai querer ficar pra semente? Casamento é bom, você não deve pensar nisto, uma moça deve se casar” (Dourado, 2005, p.

74). Diante de nova negativa da jovem, Constança observa: “O que eu quero é ver você feliz” (Dourado, 2005, p. 74).

Ao perceber que o assunto sobre matrimônio não repercutia no espírito de Biela, Constança altera o destinatário de sua estratégia e passa agora a falar muito de Modesto ao marido: “Toda hora, na mesa, a propósito de tudo e de nada, lá vinha com seu Zico, com filho de seu Zico. Era um rapaz muito bem apessoado, lhe parecia um homem direito. Feliz daquela que pegar aquele” (Dourado, 2005, p. 75).

Antes de o jogo começar, Constança conversava com os homens com o propósito de inculcar neles a ideia de que Biela era uma jovem em idade de se casar: “A qualquer pretexto se referia a prima Biela. Era uma moça muito boa, virtuosa, das antigas, prendada, um pouco acanhada, retraída, coisa de moça acostumada na roça, o senhor sabe não é seu Zico? [...] Quando Biela servia o café, Constança tinha sempre um elogio para a prima Biela” (Dourado, 2005, p. 75). Dessa forma, por meios indiretos e intencionalmente, Constança acaba chamando atenção do marido: “Que conversas são estas com Modesto, sobre Modesto, sobre prima Biela toda hora sem parar?” (Dourado, 2005, p. 75), e esta pergunta de Conrado é a senha esperada pela esposa, pois precisava que o marido percebesse a situação e exercesse autoridade para que ela também pudesse – sutil e estrategicamente – exercer a sua.

No exercício de sua autoridade, Conrado novamente mostra-se com dúvidas. Ele achava Modesto “espiritado e secação”. Além disso, o rapaz tinha fama de ser vadio, não sabia se daria certo. “Constança não sabia de nada, procurava afastar do espírito as dúvidas de Conrado. Ele me parece um moço de bem” (Dourado, 2005, p. 76). Convicto de que tem as rédeas nas mãos, “[...] a parte que decide é o homem” (Dourado, 2005, p. 76), sem perceber que Constança emprega estratégias de controle e manipula-o, Conrado encoraja a esposa a sondar as possibilidades de um relacionamento entre Modesto e Biela.

Os resultados das estratégias manipulativas de Constança não tardam muito. Em breve, há um pedido de casamento. Como podemos observar nas ações de Constança de convencer Biela a casar, na intervenção (a pedido da mulher) de Conrado na situação, o matrimônio ainda se configurava como um trato entre as famílias no qual os verdadeiros interessados – Modesto e Biela – não tomam parte.

É justamente isso que fica evidente quando Conrado expõe a seu Zico preocupações a respeito de Modesto. O pai, por seu turno, afirma que vai dar serviço para *corrigir* o moço e qualquer coisa “a gente desfaz o trato sem nenhum aborrecimento” (Dourado, 2005, p. 76). Só

depois do acordo entre as duas famílias é que Constança informa Biela sobre o pedido de casamento.

Mesmo estarecida ante uma deliberação tomada sem seu consentimento, a jovem consegue reagir: “Prima, se é do meu querer, eu não quero” (Dourado, 2005, p. 79). Convicta de que faz o mais adequado para Biela, Constança busca dissuadir a moça: “Se eu não visse que você pode ser feliz no casamento, você acha que eu estaria aqui agora procurando convencer?” (Dourado, 2005, p. 79). Mas os argumentos de Constança não convencem a jovem. Empregando a dúvida para controlar Biela, Constança contra-argumenta: “Não vou dar sua resposta agora a Conrado. Vou dizer que você vai pensar e depois responde” (Dourado, 2005, p. 80), deixando implícito na sua fala que o casamento já havia sido decidido entre seu Zico e Conrado.

Sob pressão de todos na família e até mesmo das pessoas de fora, o narrador observa que “[...] todos estavam *influindo* em prima Biela” (Dourado, 2005, p. 81, grifo nosso) a respeito do possível matrimônio da jovem. Tal situação mostra o ápice do controle de Constança, destaca a forma como ela utiliza as convenções e as pessoas no intuito de influenciar a decisão de Biela. Como é contumaz na relação entre as duas mulheres, Constança se aproveita da dúvida de Biela para sobrepor sua opinião à da jovem. Dessa forma, mesmo sem explicitamente obrigá-la a optar pelas núpcias, Constança influencia Biela para deixar de ser solteira. Torna-se evidente, portanto, que Constança não só mantinha controle sobre o marido como também manipulava Biela, visto que esta sempre havia se revelado incapaz de afirmar-se sozinha, contando com os conselhos de Constança para a tomada de decisões.

Depois da fuga inesperada do noivo de Biela antes do casamento, tudo mudou: numa atitude de rebeldia, Biela deixa de se submeter à família do primo, toma o controle de sua vida mudando-se para o quartinho dos fundos e deixando de vez de sentar-se à mesa nas refeições. Ela também deixa de visitar as amigas de Constança, efetua novas amizades com as empregadas das casas de conhecidos e começa a ajudá-las com o serviço doméstico, bem como faz despreziosamente serviços domésticos na casa de Constança.

Tais atitudes sobre as quais Constança não tem controle chocam a família, levando-a a deixar de atuar nos bastidores, de usar subterfúgios para o exercício do poder: “Pela primeira vez resolvia enfrentar o marido, contrariá-lo na presença das filhas. [...] Prima Biela quer comer na cozinha. Que coma na cozinha” (Dourado, 2005, p. 98). Ela desiste de Biela e, dessa forma, todos desistem dela também, evidenciando que a capacidade manipulativa de Constança tinha

sofrido abalos. Consequentemente, essa tensão que motiva Biela a tomar atitudes radicais e isolar-se vem do confronto de ideais e identidades entre as duas mulheres.

Considerações finais

Na análise aqui empreendida a respeito de Constança, evidenciamos que ela busca adquirir poder por intermédio da influência sobre o marido e Biela. Para realizar esta estratégia de controle nos que vivem sob o mesmo teto, Constança se utiliza de várias táticas como a insistência, a conversa, a argumentação, a gentileza, a polidez e o questionamento. Suas motivações são uma forma de reação por muitas vezes inconsciente ao meio pouco favorável para se desenvolver por conta da submissão ao masculino.

Quando conseguiu dobrar a vontade do marido para que Biela viesse morar com a família, Constança até sabia que a prima lhe daria muito trabalho, mas preferia tê-la sob sua égide, pois assim se sentiria mais convencida de que, indireta e sutilmente, tinha domínio em casa. Foi, pois, na busca pela sua capacidade de manipulação que Constança utilizou tais estratégias, na expectativa de que poderia dominar Biela e, também, expandir as raízes de sua manipulação de controle sobre o marido.

É possível notar também a diferença entre o controle que Constança exerce sobre Biela e sobre Conrado. Com Biela, ela assume o papel de doutrinadora, embora sempre com muita gentileza, não se acanhando frente aos não de Biela e valendo-se da insistência como forma de pôr a jovem sob sua ascendência. Até certo ponto, Constança silencia Biela, sua influência faz a moça aceitar o direcionamento que julga o mais adequado a ser tomado pela moça. Assim, Biela passa a usar os vestidos caros que Constança manda fazer, age conforme a prima espera e até aceita o noivo porque Constança pede que assim ela o faça.

Não é, porém, a mesma estratégia de controle que Constança aplica quando lida com o marido. Com Conrado, ela precisa agir de forma mais sutil, mais indireta, de modo a não evidenciar que exerce poder. Para que o marido não julgue que está tendo a autoridade arranhada, Constança se vale de insinuações ou manipulações. Em suas falas dirigidas ao marido, Constança nunca é direta, há sempre um quê de ambiguidade para que ele não tenha que admitir que a mulher o manipula, embora tenha consciência desta ação da esposa. Ao tratar com Conrado, ela direciona o pensamento do marido para certa ação ou aponta para os efeitos de certa resolução e deixa, empregando a astúcia como um meio de exercício de poder, que ele supostamente tome sozinho a decisão e dê a palavra final.

Tais estratégias empregadas por Constança mudaram, por muitas vezes, o rumo dos acontecimentos ao longo do romance. Por intermédio de sua indução, observamos que Biela e Conrado tomam certas decisões ou apresentam determinados comportamentos. Constatamos que a vinda de Biela para a casa dos primos e até mesmo a forma como os outros a tratariam ao longo da história foram determinados por alguns desígnios de Constança. Não obstante este exercício de autoridade por ela, seu poder sempre foi limitado, sempre foi atuante apenas dentro das fronteiras da casa onde ela sabia que havia a possibilidade de empregar estratégias de manipulação, confirmando que as estratégias femininas, conforme salienta Bourdieu (2012, p. 43), são “Insuficientes para subverter realmente a relação de dominação” e, por muitas vezes, reforça a posição de submissão na qual as mulheres se encontram.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

DEL PRIORE, Mary. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Senac, 2000.

DOURADO, Autran. *Uma vida em segredo*. 31. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ISSN: 1984-4921

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v16.n37.20>

Submetido em: 20/07/2024

Aprovado em: 12/09/2024